**LITERATURA, ESPORTES E REGIONALISMO NO BRASIL[[1]](#footnote-1)\***

Trabalhos que analisam livros ficcionais sobre esporte destacam o potencial dessas obras codificarem e divulgarem percepções que exprimem uma escala de valores a respeito desta prática. No Brasil, tais análises têm enfatizado o uso da literatura como recurso para articulação de uma identidade nacional, exagerando o papel desempenhado por obras e escritores de regiões metropolitanas, ao mesmo tempo em que oculta, em contrapartida, a diversidade regional que afetou esse campo de atividades. Pois para além das obras de nomes literários consagrados ou publicadas nos centros metropolitanos brasileiros, uma literatura ficcional e jornalística sobre esporte teve lugar também em regiões do *hinterland* brasileiro. Com o propósito de revelar parte desta diversidade, este artigo apresenta e analisa o romance “*O Grande Desportista*”, de Pascoal Toti Filho, publicado em 1922, em Uberaba, Minas Gerais. O artigo enfatiza as relações de gênero e a geopolítica entre a capital de São Paulo e o interior de Minas Gerais - dois assuntos facilmente destacáveis como elementos para análise histórica na obra.

**Palavras-chave**: Esporte; Literatura; História Regional do Brasil.

**LITERATURE, SPORTS AND REGIONALISM IN BRAZIL**

Works that analyze fictional books on sports highlight the potential of these works encode and disseminate perceptions that express values ​​about this practice. In Brazil, such analyzes have emphasized the use of literature as a resource for the articulation of a national identity, exaggerating the role of books and writers of metropolitan areas, while concealing, however, the regional diversity that affected this field activities. Besides works by famous literary names or published in Brazilian metropolitan centers, a fictional and journalistic literature on sport took place also in regions of the Brazilian hinterland. With the purpose of revealing of this diversity, this article presents and analyzes the novel “O Grande Desportista” (The Great Sportman), by Pascoal Toti Filho, published in 1922, in Uberaba, Minas Gerais. The article emphasizes gender relations and geopolitics between the capital of São Paulo and Minas Gerais - two easily detachable matters as elements for historical analysis in the book.

**Keywords**: Sport; Literature; Regional History of Brazil.

**Introdução**

Vários trabalhos têm tomado livros ficcionais sobre esporte como objeto de análise. Regra geral, destaca-se o potencial dessas obras codificarem e divulgarem percepções que exprimem uma determinada escala de valores a respeito do esporte, supondo que seus enredos e linguagens captam, estruturam e disseminam parte dos significados sociais dessas práticas. John Bale (2010), por exemplo, analisou a maneira como ensaios, contos ou novelas de escritores tão diversos como Charles Dickens, George Orwell, Jack London, Scott Fitzgerald ou Lewis Carroll concorreram para estruturar um discurso articulado por meio do qual o esporte seria pensado, percebido e experimentado desde meados do século 19. David Wood (2005; 2009) estudou como algumas obras da literatura peruana que têm o esporte como tema mais ou menos central, repercutem conflitos e dilemas morais, culturais e ideológicos daquele país. Alexis Tadié (2015), tomou como objeto de análise duas obras da segunda metade do século 20, a fim de identificar o uso da corrida de longa distância na ficção contemporânea, destacando a celebração de heróis e um aspecto libertador, ou até subversivo, como temas recorrentes.

No Brasil, especificamente, empreendimentos acadêmicos desse tipo também têm sido realizados. Mauro Rosso (2010), por exemplo, reuniu e analisou uma série de escritos de Lima Barreto e Coelho Neto, incluindo discursos, crônicas e trechos de romances, datados das décadas de 1900 e 1910, em que esses escritores pré-modernistas expõem suas concepções divergentes sobre os esportes. Em Coelho Neto, o esporte aparece como uma força positiva de transformação social e regeneração racial, enquanto em Lima Barreto aparece como um negativo estrangeirismo elitista, de várias formas nocivo, sobretudo às classes populares. Fátima Antunes (2004), tratando já de obras e escritores de período posterior, debruçou-se sobre a literatura de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, particularmente suas crônicas esportivas. Segundo suas conclusões, a crônica esportiva, tal como elaborada por esses escritores, foi responsável pela formulação de opiniões sobre a identidade e o caráter nacional do brasileiro. Segundo anotara a autora, “o futebol passou a ser visto como elemento definidor de brasilidade, algo que lhe resumia a *alma* e o *jeito de ser*” (p. 24, grifos no original). Mais ainda, a articulação do futebol com a literatura teria desempenhado papel chave na construção de traços definidores da identidade brasileira, pois conforme afirma Antunes, “mais que qualquer outra forma de produção de conhecimento, a literatura, tradicionalmente, cumpriu um papel destacado na formação de uma consciência nacional no Brasil” (p. 28).

Concentrando-se exclusivamente na obra de Mário Filho, Marcelino Rodrigues da Silva (2006) apresentou interpretações semelhantes. Para ele, o trabalho literário de Mário Filho sobre os esportes, especialmente o futebol, teria colaborado para uma redefinição do modo como esta prática era socialmente percebida e representada. Ao invés do caráter exclusivo e elitista que teria predominado no jornalismo esportivo das três primeiras décadas do século 20, o trabalho literário de Mário Filho, segundo ainda apontamentos de Silva, inaugurara um novo registro, no qual os modos populares de fruir e interpretar o futebol ganhavam visibilidade e legitimidade. Tudo isso também teria sido importante para a formação de uma nova consciência nacional, uma vez que traços culturais tidos por peculiares e em larga medida vinculados agora ao universo da cultura popular, foram um dos arcabouços fundamentais para o processo de construção de identidades nacionais.

 Apesar de uma relativa diversidade nos temas de análise do esporte depreendidos de diferentes escritores e obras literárias brasileiras, pode-se notar o compartilhamento de elementos comuns a muitos deles (ver também HOLLANDA, 2004; CAPRARO, 2007). Uma das principais características que perpassam tais análises sobre esportes no Brasil reside, justamente, na ênfase no uso da literatura como recurso retórico para articulação de uma identidade nacional. De certo modo, esta ênfase reproduz e fortalece uma tendência teórica mais geral, que é a de vincular-se o desenvolvimento histórico do esporte ao processo de construção de identidades nacionais, assunto que conta muitos estudos na bibliografia especializada em esportes (entre outros, ver DRUMOND, 2008; FRANZINI, 2003; GASTALDO; GUEDES, 2003; GOKSOYR, 2009). De fato, em diferentes países, a utilização política e cultural dos elementos simbólicos do esporte para construção de identidades nacionais mostrou-se bastante comum ao longo do século 20.

Todavia, o relativo sucesso na construção desta identidade unificada ao redor da ideia de nação não apagou tensões das relações entre o regional e o nacional. Pois narrativas históricas nacionais, afinal, não são mais que o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de generalizações, onde práticas e imaginários de grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação (IANNI, 1992). Nesse sentido, uma das críticas possíveis a essas abordagens reside nas suas implícitas concepções não-problemáticas de nação. Ao lançarem um olhar retrospectivo sobre o passado, tomando como historicamente inevitável o desfecho do esforço para afirmação de uma identidade nacional, esses trabalhos ocultam conflitos e minimizam divergências que muitas vezes o perpassaram.

Algumas pesquisas históricas recentes têm chamado atenção para as inúmeras divergências regionais que permearam a disputa pelo controle institucional e primazia simbólica nos esportes no Brasil. Ricardo dos Santos (2012), por exemplo, destacou a maneira crítica como as elites esportivas de Porto Alegre e Salvador relacionavam-se com as tentativas de controle sobre os rumos dos esportes exercidas por grupos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Henrique dos Santos (2012) também abordou o assunto em estudo sobre a história do futebol em Salvador, onde suas elites esportivas, como ele bem o demonstra, também desejavam e reivindicavam centralidade e protagonismo no processo de construção das representações sobre a nação que se desenrolavam na década de 1920, o que as incentivava a um engajamento na disputa pelo poder de indicar jogadores à seleção brasileira de futebol, visto já à época como espaço social privilegiado para representação simbólica da nação.

No âmbito mais especifico dos estudos sobre a literatura dedicada aos esportes, todavia, prevalece ainda um olhar que exagera o lugar e o papel desempenhado por obras e escritores de determinadas regiões, econômica, política e culturalmente mais centrais na vida do país, ocultando, em contrapartida, a possível diversidade regional que também afetou esse campo de atividades. O ponto de vista dos próprios agentes envolvidos nas disputas que permearam os esportes em princípios do século 20 são muitas vezes adotados sem a adequada crítica ou contextualização histórica. Afirmações como as de Thomas Mazzoni, que afirmava sua própria cidade, São Paulo, como lugar privilegiado para identificação da origem do futebol no Brasil, bem como o seu próprio romance com temática esportiva como pioneiro do gênero no país, são tomadas como fato inquestionável e reproduzidas sucessivamente (para uma crítica a esse respeito, ver SANTOS, DRUMOND, 2013). De maneira muito reveladora, em 2016, o livro *Flô, o goleiro “melhor do mundo”*, de Mazzoni, publicado originalmente em 1941, foi reeditado e apresentado, já na capa, como “o primeiro romance esportivo lançado no Brasil”. Todavia, teria sido este, de fato, o primeiro romance com temática centralmente esportiva escrito e publicado no Brasil? Presumivelmente, a resposta para esta pergunta é não.

Para além das obras de nomes literários consagrados ou publicadas nos centros metropolitanos brasileiros que reivindicavam para si pioneirismo em assuntos tidos por civilizados e modernizadores, como o eram os esportes e a vida cultural, de maneira mais geral, uma literatura ficcional e jornalística sobre esporte teve lugar também em regiões do *hinterland*, permanecendo, porém, pouquíssimo explorada ainda pelos estudiosos dos esportes e da literatura, tanto quanto inteiramente desconhecida do grande público e dos registros mnemônicos do esporte brasileiro. Com o propósito de oferecer uma contribuição para superação dessa lacuna, este artigo apresenta e analisa o romance “*O Grande Desportista*”, de Pascoal Toti Filho (1922), publicado originalmente em 1922, em forma de folhetim, no jornal *A Separação*, de Uberaba, Minas Gerais, antes de sê-lo em formato de livro, no mesmo ano, pela Typographia A Século XX, da mesma cidade. Localizei o livro quase acidentalmente durante pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que guarda um exemplar da obra, antes de encontra-lo novamente, mas de forma apenas parcial, nas páginas do jornal de Uberaba, cuja série jaz incompleta nos acervos da Biblioteca Luiz de Bessa.

A caracterização das personagens, bem como o enredo do livro, divido em duas partes, com 9 capítulos, apresenta um conjunto de representações sobre o significado dos esportes aos olhos do romancista de Uberaba, que certamente era representativo de muitos de seus contemporâneos. A ficção, nesse caso, serve como janela de oportunidade para se entrever dinâmicas sociais que se desenvolvem no mundo real. É como dissera Arthur Helps, “se você pretende compreender a sua própria época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasia falam sem travas na língua” (apud., SEVCENKO, 1998, p. 514). Mais especificamente, no caso do romance “*O Grande Desportista*”, as relações de gênero e a geopolítica entre a capital de São Paulo e o interior de Minas Gerais são dois assuntos facilmente destacáveis como elementos para análise histórica na obra. Serão nesses aspectos, portanto, que este artigo estará concentrado.

**Relações de gênero e geopolíticas *n’O Grande Desportista***

Pascoal Toti Filho era provavelmente membro de uma tradicional família de imigrantes italianos instalados em Uberaba: os Toti. Graças às informações do escritor João de Minas, que faz o prefácio d’*O Grande Desportista*, sabemos que o autor do romance era “um moço enrolado em músculos rijos” e “sportman dos mais autorizados”. Ainda segundo João de Minas, que também tivera envolvimento com esportes, mantendo, inclusive, uma coluna esportiva em jornal da cidade de Ouro Preto, Toti Filho era também presidente do Borges Sampaio Foot-ball Club, de Uberaba, além de já ter escrito outros livros sobre “literatura sportiva”.

Os quatro personagens centrais do livro são Bífano, Alizie, Chucy e principalmente Marcelio Plutarchi. Secundariamente, há ainda os cronistas esportivos Raspadellas e Simphronio, que “disputavam a hegemonia do sportismo escrito em crônicas”; os jogadores Pedre, Zizu e Tatú Bitú; a velha sogra de Bífano, D. Calimeria; além de mais alguns personagens mencionados ocasionalmente. Dentre estes últimos, aparecem, por exemplo, os nomes de Hildebrando Pontes, historiador e intelectual do Triângulo Mineiro, tendo publicado, inclusive, livro sobre história do futebol na região (ver PONTES, 1972); ou do famoso jogador paulista Friedenrich, tido como primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Tais correspondências literais entre a ficção e a realidade denunciam a dimensão acentuadamente realista do romance.

Bífano era um simpático barbeiro esportista, “conhecedor dos mais profundos segredos” e “amigo de toda gente”. Morador do bairro do Bom Retiro, onde foi criada a popular equipe do Corinthians, sua casa era cheia de fotografias dos maiores jogadores de futebol da época. Bífano, além de ser assíduo leitor dos jornais esportivos de São Paulo, já havia jogado futebol como center-half. Tudo isso fazia de sua barbearia um ponto de encontro socialmente importante, onde parte da trama desenrolar-se-á. Segundo descrição no romance:

O salão do barbeiro é o ponto para onde convergem as mais variadas sortes de comentários e onde se abrem mais facilmente todas as gargantas em discussões sobre política, religião e esportes, sobretudo com referência ao futebol, que nos últimos tempos vem sendo o assunto que a todos empolga (p. 3).

Alizie, “linda” e “encatadora”, que por vezes tocava fox-trotes ao piano, era prima de Bífano. Já Chucy, “mordaz”, “endiabrada”, “meiga”, “solícita”, “camarada” e “muito espirituosa”, era uma carioca apresentada como “genuína”, torcedora do Flamengo, hospedada na casa de Alizie. Ambas eram fortemente envolvidas com o futebol, a ponto de terem desavenças entre si, uma vez que apoiavam equipes diferentes. A presença feminina dos *grounds* de *foot-ball* é algo mesmo destacado no romance. De acordo com um comentário do barbeiro Bífano sobre a presença feminina nos campos de futebol de São Paulo: “É sublime ver-se a paixão das meninas de nossa terra pelo futebol, principalmente. Que extraordinária é a paulistana! Chega a chupar o lápis da pintura!” (p. 7). Palavras do personagem Marcelio Plutarchi, no mesmo sentido, também destacavam a marcante presença feminina nos campos de futebol do Triângulo Mineiro, onde seria, segundo ele,

necessário muito algodão nos ouvidos para não se arrebentar o tímpano. Reunindo-se quantas sogras houver por lá, não fazem elas todas a ‘terça-metade’ do barulho que fazem as nossas torcedoras, principalmente quando gritam pelos nossos campeões do *ataque* e da *defesa* (p. 37, grifos no original).

Todavia, as possibilidades de tal participação das mulheres no futebol, bem de acordo com os cânones que predominavam à época, estavam inteiramente confinadas às arquibancadas. Segundo concepções amplamente disseminadas à época, mulheres estavam “naturalmente” inclinadas a determinados esportes, e não a outros. O futebol, nesse contexto, estaria no universo das interdições, ao passo que outras modalidades, como a dança ou o tênis, seriam mais recomendáveis (SCHPUN, 1999; MELO, 2007; FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003). Tudo isso seria reproduzido no enredo *d’O Grande Desportista*.

A mulher arrebata com a dança, que é um dom especial seu, e é por isso que ela suplanta o homem nesse esporte tão delicado. A sua construção física parece amoldoada à dança, tendo o mais vivo desenvolvimento e a flexibilidade necessária para a execução desse divertimento. Ao passo que o homem, ao contrário, não é tão apto para isso, mostrando-se quase sempre sem a mesma facilidade de deslocação dos órgãos mais emperrados que desenvolvidos, por muito exercício que tenha desse esporte de salão. A mulher já nasce sabendo dançar; a dança é propriedade sua. O homem, esse não. Ele é mesmo mais rijo: tem firmeza, tem destreza, mas não tem frouxidão. Ele é o esportista dos grandes cometimentos, das refregas, o campeão das pugnas contra os mercados, movendo-se no terrível intercâmbio social como sustentáculo ímpar da família. Ele, por outro lado, faz as leis, estabelece tratados, edifica nações, rasga oceanos, remove montanhas, perfura abismos ligando continentes, estreitando raças e organizando, enfim, novo conjunto da civilização dos povos, no progresso moral, material e intelectual da humanidade (p. 54-55).

No romance, há um pequeno espaço para contestação desses papéis sociais, refletindo, de certo modo, o ambiente da época, onde as mulheres reivindicavam, cada vez mais, um reordenamento de antigos preceitos. Palavras de Alizie, por exemplo, afirmavam a importância da mulher no futebol, tal qual os homens. Segundo a personagem: “tomamos sempre uma parte importante em todos os jogos, como em todas as cousas em que o homem sobressai com a sua inteligência e força”. Além disso, o romance também capta com muita verossimilhança as relações de gênero que perpassavam o ambiente esportivo da época. No enredo, os campos de esporte também servem de pretexto para o início de relações amorosas, às vezes de modo bastante malicioso. Em certa passagem, Chucy, cortejada simultaneamente por mais de um homem, mas preferindo claramente o jogador Zuzu, exige-lhe que abandone o futebol para dedicar-se tão somente a ela, com toda a atenção que ela própria julga necessária. Ao ser criticada por essa atitude, a genuína carioca Chucy, contesta com uma maliciosa resposta cheia de duplo sentido, alegando que depois que for de Zuzu, ela diz, “deixa-lo-ei furar gol a seu bel prazer” (p. 78). Também Plutarqui, depois de uma certa indecisão nas suas preferências amorosas, divididas entre Alizie e Chucy, acaba se aproximando de Alizie, que o corresponde, organiza uma festa especialmente para ele, além de dar-lhe um beijo. Em todos os casos, as arenas de esporte são lugares fundamentais para a relação entre os sexos, como de fato se sucedia na realidade. No romance, igualmente, todos esses personagens jogam partidas de tênis entre si e frequentam bailes nas sedes sociais dos clubes esportivos que se arrastam até as 4 horas da madrugada, devidamente noticiados pela imprensa, tal como frequentemente acontecia, na realidade.

Finalmente, Marcelio Plutarchi, aparentando 26 anos e que provavelmente encerrava características de um alter ego do autor do romance, aparece como um “vistoso guapo”, “empinado” e “forte”, “um colosso”; “ciclópica figura que com simples respirar – qual ciclone – poderia arremessar [qualquer um] a grande distância” (p. 6). O vigor atlético de Plutarchi é tão notável que o faz parecer um carioca, um atleta, o que revela também as representações associadas, então, a um atributo peculiarmente ligado ao Rio de Janeiro, conforme concepções implícitas no romance.

Bífano e Plutarchi, além disso, claramente compartilhavam o mesmo entusiasmo pelo vigor físico e atlético dos corpos masculinos. Segundo um comentário de Bífano:

um homem forte é querido e admirável em tudo e por tudo. Oh! se eu voltasse aos meus vinte anos, seria um campeão de musculatura mais rija que a do aço... [...] o homem forte é querido. É necessário mostrar nas pugnas mais arrojadas, a destreza e o saber para que toda gente o admire (p. 9-10).

Psicologicamente, outra marcante característica do personagem Plutarchi, vindo dos sertões de Minas Gerais, e mais especificamente do Triângulo Mineiro, como revela-se em certo ponto do romance, era sua paixão ilimitada por São Paulo, em geral, e pelo esporte paulista, em especial. Nota-se mesmo grande deslumbramento de Plutarqui diante de todas as coisas de São Paulo, retratada como um “grande centro cosmopolita”, onde “sentia-se gravitar em torno de tudo, uma energia impulsionando a atividade dos homens e das cousas” (p. 15). Em outro trecho, no mesmo sentido, dizia o personagem: “São Paulo regurgitava. O zum-zum infernal, predominante em todas as grandes cidades, sentia-se cada vez mais crescente” (p. 83).

No universo esportivo, Plutarchi, conforme informa o narrador, “não tinha prazer algum em ver atletas que não fossem paulistanos, mesmo porque não ignorava que os paulistas sabem com dedicação defender a sua força esportiva” (p. 5). Plutarqui dizia ler tantas cousas todos os dias nos jornais paulistas referentes ao “esportismo” naquela cidade, que confessava não ter outra opção, se não se admirar (p. 6). Plutarqui, na verdade, dizia-se entusiasmar cada vez mais com aquele “centro esportivo”, que segundo ele, “decidia a sorte futebolística do nosso país, um ambiente melhor, onde se salientava o jornalismo e onde se discutia o futebol com mais acerto” (p. 40). Depois de acompanhar quase toda uma temporada esportiva na capital paulista, Plutarqui dizia mesmo estar “convencido de que os paulistas têm mesmo gosto para tudo aquilo que se diz belo e deslumbrante” (p. 51). Reforçando os estereótipos do sertanejo deslumbrado com as maravilhas da metrópole, o personagem Plutarqui admitia ainda jogar de forma bruta nos campos de futebol, ao mesmo tempo em que reconhecia humildemente estar em terra onde o “progresso suplanta tudo”, “terra admirável”, ele dizia, “até mesmo em matéria de esporte”. Sintomaticamente, Plutarqui se referia aos paulistas como “os bandeirantes do esporte” (p. 5).

Por meio do deslumbramento de seu personagem, o escritor Pascoal Toti Filho parecia manifestar tanto as insatisfações, quanto as ambições, não apenas dele próprio, individualmente, mas de todo um grupo social do qual ele seguramente fazia parte. Nessa época, as elites de várias pequenas e grandes cidades do Brasil empenhavam-se sobremaneira em defender retoricamente, ou organizar praticamente, iniciativas que atestassem o desenvolvimento, o progresso e a modernidade material e comportamental de suas respectivas regiões. A construção de cemitérios, a reforma de praças ajardinadas, a inauguração de cinemas ou teatros, mas também a realização de partidas esportivas, eram todos tomados como símbolos dessas transformações. Grandes metrópoles brasileiras ou estrangeiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Paris ou Nova York, eram constantemente mobilizadas como exemplos a se seguir. No Triângulo Mineiro, especificamente, de onde escrevia Pascoal Toti Filho, São Paulo, “a locomotiva do Brasil”, como fora chamada certa vez, servia como um dos principais modelos. A histórica ligação econômica, cultural e política do Triângulo Mineiro com São Paulo, pavimentada desde 1889, com a inauguração da *Companhya Mogyana Estrada de Ferro*, que ligava Campinas até Uberaba, passando por Ribeirão Preto e estendendo-se ainda até Poços de Caldas, certamente fortalecia esses vínculos. Até os dias de hoje, há um lugar comum que afirma ser usual cidadãos do Triângulo Mineiro terem maior identificação emocional com São Paulo do que com Minas Gerais.

Um dos fios condutores deste enredo esportivo especialmente revelador sobre as representações da época a respeito das relações entre o sertão mineiro e a capital paulista, é um suspense ao redor das reais intenções de Plutarqui em São Paulo. Na época em que Plutarqui encontrava-se em São Paulo, vivia-se um “clamor geral”, segundo diz o romance, ao redor da situação do jogador Pedre, que fora jogar nas equipes das “longíquas paragens” dos sertões de Minas Gerais. O caso de Pedre era especialmente polêmico, pois a Associação Paulista de Esportes Atléticos (citada no romance pela sua sigla, “APEA”), punira-o por ter ido jogar na equipe de outra cidade, sem autorização. A situação, de todo modo, não seria exatamente nova e encontra correspondência na realidade, tal como outros elementos do enredo do romance, conforme revela com relativa abundância os registros da imprensa mineira.

Em 1918, no contexto das comemorações do aniversário do Uberaba Sport Club, que se apresentava como o “campeão do Triângulo”, foi anunciado na imprensa local partidas contra equipes do interior de São Paulo, mais especificamente contra o Palestra Itália de Ribeirão Preto, que teria “elementos muito conhecidos”, sugerindo um fluxo de informações mais ou menos constante entre Minas Geria e São Paulo (FOOT-BAALL [sic], 29/9/1918, p. 2). Nos anos seguintes, jogos entre equipes de cidades do Triângulo Mineiro e de outras partes, sobretudo o interior de São Paulo, tornar-se-iam cada vez mais comuns. Em geral, tais ocasiões pareciam mobilizar grande interesse da população, movimentando aquele mundo esportivo e tornando as cidades do Triângulo Mineiro, conforme registrara um dos jornais da região, “festiva[s] e alegre[s]”. Em 1920, o Uberaba Sport Club batera-se contra o Corinthians de Jundiaí, em peleja registrada pela imprensa como “renhida”, “colossal” e “assombrosa”. Faltando mais de duas horas para o início da partida, que teria reunido mais de 4 mil almas, “já se vê incessante rodar de veículos, uma romaria a caminho da velha praça de esportes” (ARGUS, 25/7/1920, p. 3-4). Dois anos depois, em 1922, mesmo ano em que fora publicado *O Grande Desportista*, equipes do Triângulo Mineiro – de Uberaba, em especial – não apenas viajavam para o interior de São Paulo para disputar partidas de futebol, como voltavam vitoriosas, o que era tomado como um importante índice do desenvolvimento esportivo local, uma vez que as equipes de São Paulo eram sempre tidas e apresentadas como exemplos de progresso e bom desenvolvimento. Em partida entre o Uberaba Sport Club e o Paulista Sport Clube, da cidade de Ribeirão Preto, os jogadores de Minas Gerais teriam se mostrado “verdadeiros ‘sportmen’ e mestres do [e] no ‘foot-ball’”. O número “colossal” de espectadores, calculados em mais de 5.000, teria reunido pessoas de São Carlos, Campinas, São Paulo, Barretos, Rio Claro, Limeira e Araraquara, que assistiram duas convincentes vitórias do time de Uberaba Sport Club (MINAS..., 21/5/1922).

No romance, o próprio Pluatrqui, em entrevista sobre a situação do “futebol sertanejo”aos cronistas esportivos Raspadellas e Simphronio, comentara que o sucesso de uma das principais equipes de Uberaba devia-se, justamente, a presença de alguns dos mais famosos jogadores de São Paulo. Em sentido contrário, comentava-se também a transferência de Tatú Bitú de uma equipe da “Princesa do Sertão”, como era conhecida a cidade de Uberaba, para uma equipe paulista.

Alizie logo começou a desconfiar que o grande interesse de Plutarqui por futebol, bem como sua própria presença em São Paulo, motivava-se na intenção de levar o jogador Tatu-Bitu de volta à uma equipe de Uberaba, de onde viera, antes de começar a jogar por uma equipe de São Paulo. Plutarqui parecia-lhe um espião de futebol. Para agravar, ao ser confrontado por tal acusação, Plutarqui pede a Alizie que não exponha tais suspeitas a ninguém, o que soa como uma confissão de culpa. Alizie promete guardar segredo, desde que se mantenha inalterado o ataque da sua equipe preferida – justamente, onde joga Tatu-Bitu. Na sequência, Plutarqui desaparece por uns dias, o que só aumenta as suspeitas sobre ele. Ao reaparecer, explica que deixara-se ficar no hotel, saindo apenas à noite, para o teatro e o cinema. Bífano conta-lhes que muitos comentaram a respeito de suas supostas intenções de buscar jogadores de São Paulo para Uberaba. Os rumores foram amplificados por publicações do jornal *A Tarde*, noticiando jogos entre os dois principais times de Uberaba, mencionando-se também boatos a respeito da transferência de jogadores paulistas para as equipes do Triângulo Mineiro. A notícia dizia ainda que Plutarqui seria o principal responsável por essa articulação.

Nesse instante, Plutarqui penetrara já nos círculos de jornalistas de São Paulo, onde fizera amigos, inclusive. “Marcelio [Plutarqui] estava no apogeu. Seu nome corria de boca em boca, por todas as ruas da Pauliceia” (p. 47). Desse momento em diante, Plutarqui assume uma postura mais altiva e até desafiadora diante dos significados que a vida social de São Paulo pareciam assumir aos seus olhos de sertanejo. Sem desmentir os rumores de que estaria em São Paulo para recrutar jogadores para o sertão mineiro, Plutarqui relativizava a importância de medidas como essa, reiterando, ao invés disso, a capacidade dos jogadores de seu local de origem. Nas palavras do personagem:

a paixão pelo esporte [em Uberaba] aumenta dia a dia e, se pudessem, daqui [São Paulo] levariam para lá todos os campeões. No entanto, acho isso supérfluo: lá temos esquadras formidáveis, que, se tivessem de jogar com os daqui, não necessitariam se não de algum treino. Creio na eficiência dos que já lá estão. Desejo somente dizer-te, e aos que quiserem sabê-lo, que lá é bem forte o desejo de encontrar-se com os ‘topetudos’ cá da terra do café.

 A nova atitude altiva e orgulhosa também se manifestava em palavras de Bífano, o barbeiro, que em diálogo com Plutarqui, refere-se ao sertão mineiro como “adiantada terra”, afirmando ainda conhecer “de longa data a fama que gira em torno dela”. Segundo palavras do barbeiro: “as pessoas de lá [Uberaba] são férreas em seus propósitos, não somente no esportismo, mas em tudo e por tudo que se relacione com o progresso e a civilização”. No contexto do romance, a nova postura de Plutarchi poderia ser um estratagema para disfarçar suas reais intenções em São Paulo. Do ponto de vista analítico, além disso, a mesma postura poderia também ser tomada como a expressão de representações ambíguas que perpassavam a literatura e o esporte no período. Por um lado, deslumbramento e entusiasmo com as coisas de São Paulo; por outro, orgulho e altivez para com as coisas dos sertões das Minas Gerais.

Tanto na realidade, quanto no enredo do romance, relacionar-se com equipes de São Paulo, vencendo ou perdendo, mas competindo e medindo forças de todo modo, serviu como importante recurso social, político e cultural para a afirmação de identidades regionais, da mesma forma e aparentemente na mesma época em que se desenrolavam esforços para a construção de uma identidade nacional. A pouca ênfase que os estudos sobre o esporte têm ainda dedicado ao assunto não deve inibir a continuidade e a ampliação das iniciativas que vêm já se apresentando nesse sentido. Nesse contexto, análises da literatura regional relacionada aos esportes incentivam, e até capacitam, um entendimento melhor e mais profundo das tensões e complexidades nas relações geopolíticas entre a nação e as regiões.

**Referências**

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa*!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

ARGUS. Notas sportivas. *O Gaiato*, Uberaba. 25 de julho de 1920, n. 3, p.3-4.

BALE, John. *Anti-sport sentiments in literature*: batting for the opposition. New York: Routledge, 2010.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas*: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DRUMOND, Mauricio. *Nações em jogo*: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FOOT-BAALL [sic]. *Jornal do Triangulo*, Uberaba, 29 de setembro de 1918, n. 89, p. 2.

FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira*: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GASTALDO, Edson L.; GUEDES, Simone Lahud. (Orgs.). *Nações em campo*: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina*: imagens da mulher na revista educação phisica. Ijui: Unijuí, 2003.

GOKSOYR, Matti. Nationalism. In: POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol*: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil moderno*. 3 reimp. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

MINAS contra São Paulo. *A Separação*, Uberaba, 21 de maio de 1922, n. 109, p. 2.

PONTES, Hildebrando. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras de Uberaba, 1972.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto*: um Fla-Flu literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANTOS, Henrique Sena dos. Nos gramados do sul: a seleção baiana de futebol e o torneio do Centenário da Independência em 1922. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 2, p. 469-504, 2012. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4373/3248>. Acesso em 30 ago. 2016.

SANTOS, João Casquinha Malaia; DRUMOND, Mauricio. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 19-31, jun. 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a03.pdf>. Acesso em 26 jul. 2016.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Comemorando o Brasil: que Brasil? In: SANTOS, J. M. C. M.; MELO, V. A. de (Orgs.). *1922*: celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012, p. 163-182.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo*: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo Editorial/Editora SENAC, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada* no Brasil. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-619.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

TADIÉ, Alexis. Running for freedom: the politics of long distance running in modern fiction. *International Journal of the History of Sport*, v. 32, n. 2, p. 286-298, 2015.

TOTI FILHO, Pascoal. *O grande desportista*. Uberaba: Typographia A Século XX, 1922.

WOOD, David. On the crest of a wave: surfing and literature in Peru. *Sport in History*, v. 29, issue 2, p. 226-242, jun. 2009.

WOOD, David. Reading the game: the role of football in Peruvian literature. *International Journal of the History of Sport*, v. 22, issue 2, p. 266-284, Mar. 2005.

1. \* A pesquisa que subsidiou esse artigo contou com apoio da Fapemig e do CNPq. Agradeço a Igor Maciel da Silva, bolsista de iniciação científica, que participou da pesquisa em jornais do Triângulo Mineiro, no acervo da Biblioteca Luiz de Bessa. Agradeço também aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em História do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, que leu e comentou criticamente primeira versão do manuscrito. [↑](#footnote-ref-1)